

O melhor lugar do mundo
É aqui e agora
O melhor lugar do mundo
É aqui e agora

Aqui onde indefinido
Agora que é quase quando
Quando ser leve ou pesado
Deixa de fazer sentido

Gilberto Gil, 1977¹

“O melhor lugar do mundo”, letra da canção de Gilberto Gil, é aqui utilizada como forma de protesto, de balbúrdia, como outro modo de cantar/dizer indefinidamente que sentidos são possíveis quando pensamos a vida diante do quadro atual da sociedade brasileira. Marcados por desigualdades estruturais e históricas, aprendemos, em lampejos e tempos remotos, que seria possível acreditar em uma vida democrática e na superação de diferenças, instabilidades e urdiduras políticas socializadas por *fake news*, que têm inscrito metanarrativas sobre o cotidiano, a vida política e, acentuadamente, sobre a ideologia e a identidade de gênero em nosso país.

A Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, ao publicar o dossiê *Narrativas LGBTQ+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Intersexos e Queer –*, organizado por Arnaud Alessandrin e Johanna Dagorn, da Universidade de Bordeaux, França, busca visibilizar questões sobre minorias de gênero e sexualidade, cruzando diversas narrativas, em múltiplos lugares – escola, família, sociedade, espaços clínicos e de assistência à saúde, artes – como uma das formas de dizer a vida e sobre a vida, de processos identitários, das condições como se

transformam identidades, como se aprende a viver com a diferença e a resistir, diante da intolerância e da discriminação sexual, ambas marcadas pela homofobia e a transfobia, em espaços sociais.

“O melhor lugar do mundo é aqui e agora” – acentua, também, a potência da pesquisa (auto)biográfica para a superação de traumas, pela escuta sensível das narrativas de pessoas LGBTQ+, especialmente, por considerarmos que as pesquisas sobre história de vida e narrativas feministas e de gênero tenham alcançado destaque na vida acadêmica, e, mais recentemente, os investimentos feitos em pesquisas sobre as narrativas LGBTQ+. O dossiê, ao reunir colaborações de pesquisadores europeus e brasileiros, investe na socialização de histórias, individuais e coletivas, centradas em análises de narrativas que problematizam discussões sobre a despatologização das diferenças, em narrativas (auto)biográficas forjadas na família, na escola, nos meios digitais, na mídia, na sociedade e nos espaços de atendimento à saúde.

A diversidade de abordagens e os modos próprios como os autores dialogam com histórias e narrativas de vida singulares evidenciam um capital biográfico, enquanto espaço epistêmico-político de narrativas que contribuem para que os sujeitos, quando narram suas histórias, possam superar marcas sociais, físicas e psicológicas, como estigmas que patologizam e discriminam, mas também afirmando vozes que se autorizam e gritam por respeito, aceitação, superação de vulnerabilidades e de apagamento social.

O campo da pesquisa (auto)biográfica permite, como método de pesquisa, acessar histórias individuais e coletivas de populações

¹ Gilberto Gil, *Aqui e agora*. Refavela, Rio de Janeiro, Warner Music Brasil, 1977.

diversas. Sendo ouvidas, de outro lugar e com outras sensibilidades, as narrativas LGBTIQ+ acionam modos textuais que revelam compreensões sobre as maneiras de dizer dos sujeitos que contam suas histórias, como superaram injunções sociais e institucionais, em seus cotidianos, reinventando a sua própria vida e as suas histórias.

A seção *Artigos* é constituída de dez textos que discutem memória, ancestralidade e narrativas pessoais, voltando-se, também, para a tematização da ética na pesquisa, as questões de formação e suas relações com a pesquisa (auto)biográfica, os saberes curriculares, os saberes técnico e pedagógico em diálogo com a pesquisa (auto)biográfica. Inicia a seção o artigo de Priscila de Oliveira Xavier Scudder, intitulado *Pedagogia da casa: memória e diálogo de saberes – primeiras notas*, que entrecruza memórias, experiências cotidianas e saberes ancestrais, internalizados no cotidiano de casas chefiadas por mulheres negras, pobres e de periferia. Noções de escrita e prática decolonial, em articulação com a teoria da complexidade e da interseccionalidade, possibilitam o diálogo de saberes e revelam a existência de uma pedagogia, no interior destas casas, como uma herança ancestral inscrita em atividades auto/otobiográficas.

Em *Um olhar sobre o diário de Alfredo José Eichel – Colônia Malhada entre 1946 e 1954*, Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira e Eunice de Fátima Ryndack analisam, no contexto da história da educação matemática, os registros constantes do diário de Alfredo José Eichel, engenheiro civil e agrônomo nascido na Polônia que, aos trinta anos, veio ao Brasil como turista, mas que, devido à Revolução de 1930, não conseguiu retornar ao seu país de origem. O texto toma como centralidade a análise do diário de Alfredo José Eichel, escrito entre os anos de 1946 e 1954, no que se refere aos acontecimentos do seu cotidiano e da comunidade,

especialmente no que concerne ao uso cotidiano de saberes matemáticos elementares.

O artigo *Amélia Fernandes da Costa: trajetória biográfico-profissional*, de Heloisa Helena Meirelles dos Santos, apresenta a trajetória biográfico-profissional da professora primária Amélia Fernandes da Costa, ao situar questões de sua formação, na Escola Normal da Corte, e razões que levaram a ser selecionada, em 1890, dentre os demais professores primários públicos da capital do Brasil, para empreender viagem pedagógica à Europa, subsidiada pela Instrução Pública. Adota princípios do paradigma indiciário e fontes documentais para contribuir com discussões e superar lacunas biográficas da biografada.

O texto de Kelly Maria de Campos Forno Abreu de Lima Melillo e Maria Laura Magalhães Gomes, *Tânia Lima Ayer de Noronha e sua trajetória no Colégio Técnico da UFMG*, analisa aspectos concernentes ao percurso (auto) biográfico de Tânia Lima Ayer de Noronha, professora de Matemática no Colégio Técnico da Universidade Federal de Minas Gerais (Coltec-UFMG), no período de 1979 a 2002. As autoras adotam princípios da História Oral, entrevistas e documentos, objetivando demarcar relações entre a atuação da professora e as características da instituição escolar, destacando questões de gênero, relações com alunos e colegas, bem como representações e imagens da professora Tânia em sua vida profissional.

Em *Uma carta para mim mesma três anos atrás: um olhar para o PNAIC a partir das narrativas de professoras*, de autoria de Everaldo Gomes Leandro e Lívia de Oliveira Vasconcelos, apresentado em formato de carta, os autores narram, na condição de educadores matemáticos, ações voltadas às experiências com o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), especialmente, nos três primeiros anos desse programa. A adoção da carta como dispositivo de formação continua-

da objetivou refletir sobre as ações do PNAIC, evidenciando indícios encontrados nas narrativas de professoras, que revelam aspectos da trajetória profissional, de resiliência docente, de diálogo entre os pares e de mudanças na forma de alfabetizar as crianças.

Patricia Claudia Costa, em *Reinventando Sísifo: reflexões sobre a legitimação da ética na prática de pesquisas educacionais*, discute alguns limites éticos de experiências de pesquisa no campo educacional. Analisa as experiências de suas pesquisas de Mestrado e Doutorado, que se utilizam da pesquisa autobiográfica e outros dispositivos e estratégias de pesquisa, ao problematizar exigências para a obtenção de Parecer emitido por Comitês de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e limites, apontando para a necessidade de reestruturação dos atuais critérios de aprovação de projetos de pesquisa na área de Humanidades, dos procedimentos para o cadastro na Plataforma Brasil, em função da aprovação dos projetos pelo Sistema CEP/CONEP.

No artigo – *A interface sujeito-agência no campo curricular: que contribuições das pesquisas (auto)biográficas?* – Carmen Teresa Gabriel e Natália Rodrigues Mendes teorizam sobre a intensificação da inserção dos estudos narrativos e/ou (auto)biográficos no campo do currículo, nos últimos anos, objetivando refletir sobre a articulação sujeito-agência, nos estudos do campo curricular, a partir das contribuições teórico-metodológicas das pesquisas (auto)biográficas.

Luciana Venâncio e Luiz Sanches Neto, em *A relação com o saber em uma perspectiva (auto)biográfica na educação física escolar*, analisam experiências de aprendizagem com a educação física escolar associadas a processos reflexivos de dois(duas) estagiários(as), através de experiência desenvolvida na disciplina “Estágio I – observação da realidade”, no curso de licenciatura em educação física da Universi-

dade Federal do Ceará, por meio de narrativas (auto)biográficas.

No artigo *Interface entre o saber técnico e o saber pedagógico: percepções na narrativa do professor*, Maria Rita Barbosa de Sousa e Maria da Glória Carvalho Moura analisam narrativas relacionadas aos saberes técnico e pedagógico de professores do Curso Técnico em Agropecuária, no que respeita à prática docente exitosa na educação profissional. As autoras evidenciam que a prática docente exitosa, no contexto da Educação Profissional, se desenvolve em espaço favorável, com instrumentos diversificados, propiciando a interação teórico-prática e despertando o interesse e a participação dos estudantes.

Finaliza a seção o artigo: *Narrativas de licenciandos em física sobre as disciplinas pedagógicas*, de Heriédna Cardoso Guimarães e Eda Maria de Oliveira Henriques, objetivando compreender sentidos que estudantes atribuem às suas experiências com as disciplinas pedagógicas cursadas no processo de formação inicial, através da análise de narrativas de licenciandos em física de uma universidade federal do Estado do Rio de Janeiro.

O volume conclui-se com a publicação de dois resumos de dissertações. No primeiro: *Formação para pesquisa de licenciandos em educação física: experiência (auto)formadora*, Samara Moura Barreto de Abreu discute a formação para a pesquisa em Educação Física (EF), no que se refere à relação dialética entre saberes e subjetividades, ao analisar experiências com o TCC no Curso de Licenciatura em Educação Física (CLEF), no IFCE de Canindé. No segundo, Clément Reversé, autor de *Escola em azul e rosa: narrativa em experiência de gênero na escola*, centra-se na análise das normas de gênero presentes no espaço escolar da região francesa de Nouvelle-Aquitaine, notadamente, no que se refere às expectativas de comportamento por parte dos professores

e às narrativas das transgressões, por parte dos alunos, jovens transexuais, sobre as normas de gênero, em um sistema educacional binário e cisgênero.

A diversidade de objetos e de análises apresentados neste número da Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica busca contribuir com outras reflexões e estudos sobre as narrativas LGBTQI+, mas, também, sobre questões voltadas para outras dimensões da pesquisa (auto)biográfica, seus modos de uso e as apropriações no campo educacional. Desejamos que o número possa ampliar debates, contribuir para outras possibilidades de estudos e em tempos

de apagamento de memórias e de histórias individuais, coletivas e sociais. “O melhor lugar do mundo é aqui e agora”! Que, em distintos lugares, possamos encontrar nos intervalos indefinidos melhores lugares do mundo, onde nossos sonhos, desejos, utopias e vida democrática sejam potentes e possíveis, manifestando cotidianamente enfrentamentos a qualquer forma de discriminação, preconceito e superação de ações homofóbicas e transfobias.

Salvador, outono de 2019
Elizeu Clementino de Souza
Editor RBPAB